

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas Inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 51 (1-2) Jan.-Jun. 1941, p. 27-40.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

(Cont. do vol. XLIX, pág. 111)

6. Pedras avulsas com lavores, pilastras, colunas, entablamentos.

Incluo neste parágrafo tôdas as pedras, quási sempre com lavores, mas cuja função não se deduz da sua forma ou do local onde foram encontradas.

O *Museu de Guimarães* recolheu decerto as mais curiosas que Martins Sarmento encontrou nas suas notáveis explorações; vou referir-me apenas àquelas que considerei aproveitáveis para o fim que dominava o meu estudo, mas algumas há que provieram de outras estações arqueológicas, que não a de Briteiros.

Logo de Monte-Redondo, tornado conhecido por Albano Belino, está exposta uma pedra lavrada desta classe. Cartailhac supôs que estas pedras pertenciam a portadas; é possível; mas o que me parece que só se pode afirmar é que se applicavam às paredes exteriores das habitações, apenas com um intuito decorativo. A fig. 27 representa o exemplar de Monte-Redondo; era levemente trapezoidal e, mais significativamente, a face exterior, suposta erecta a pedra, correspondia à curvatura de uma casa circular, em cuja parede devia embeber-se. As faces laterais, sem lavores, eram contudo aparelhadas sob planos reentrantes, «açotados», como se diz na *Rev. de Guimarães* (XXII, 109), para ficarem ocultos na respectiva parede. A sua posição era vertical; aliás não podiam ser rectilíneas as linhas AC e BD; só o seu próprio pêso a podia segurar.

Outra análoga, da mesma procedência, possuía o Museu, com a variante de ser tríplice e não duplo o sulco dos *postes*, mas o seu estado de conservação era imperfeito.

Ornamentação de motivo idêntico vê-se em um artefacto de prata, do período etrusco, proveniente de Cervetri, reproduzido por O. Montelius (*La civilisation primitive en Italie*, pl. 339). Mas é preciso não esquecer a arte romana, que revela nos desenhos dos mosaicos herdados estes motivos de uma arte que floresceu no seu próprio solo. Outro desenho vê-se na mesma obra (pl. 194), de uma sepultura de incineração de Vetulónia. Esta mesma pedra abrange parte de um desenho constituído por três círculos concêntricos, motivo que também aparece no referido artefacto.

Ao lado da pedra de que me tenho ocupado, outra da mesma procedência possui o Museu vimaranense. Representa-a a fig. 28. Aqui aparece uma suástica flamejante de cinco raios. Da Cidade de Ancora provém uma, mas com quatro raios apenas.

Mais curioso é o desenho inferior, de que não se vê senão uma parte, mas de que se adivinha o resto. Reproduz-se este motivo em bastantes pedras lavradas que se encontram no mesmo Museu e provientes, uma de Ancora, outra de Famalicao, e uma farta série de fragmentos expostos que a fig. 29 representa. Este motivo era muito da predilecção dos nossos citanienses, como se vê.

Martins Sarmiento (*Rev. de Guimarães*, XX, 7) chegou a duvidar da sua antiguidade quando encontrou

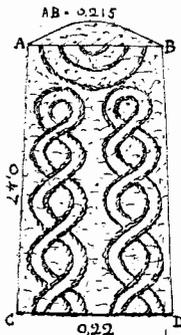


Fig. 27.

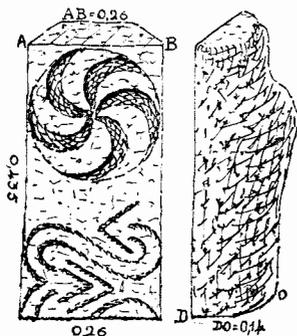


Fig. 28.

na 2.^a escavação uma pedra desta família de desenhos. Pois é bem antiga a linhagem dêste motivo.

Em Micenas colheu-o Schliemann, distinguindo-o pela denominação de ornamento cordiforme disposto em forma de rosário (*Hist. de l'Art*, por Perrot & Chipiez, vol. VI). Obedecendo ao mesmo motivo, vê-se um artefacto de marfim em sepultura de Chiusi do período etrusco, ornado com desenho semelhante (*La civilisation primitive en Italie*, por O. Montelius, Italie centrale, pl. 225).

A fig. 30 representa um florão sexfólio lavrado em fragmento de



Fig. 29.

pedra que me pareceu de uma padieira; a proveniência é do castro de Monte-Redondo. E' um desenho tão repetido que a dificuldade é atingir a sua origem. Desde Perrot & Chipiez (*Hist. de l'Art*, VI, 637) até a lápides lusitano-romanas, a série de exemplares dêste desenho é inumerável. Relembro a pedra com vestígios

de mínio, encontrada no Castro de S. Miguel-o-Anjo, de Azere (*Arch. Port.*, I, 5). Da Itália antiga são também numerosas as réplicas dêste florão; citarei: em Montelius (*La civil. primitive en Italie*, pl. 339); na cerâmica, como decoração impressa (pl. 84); em uma estela de uma sepultura etrusca de Certosa (pl. 476); e na obra *In torno*

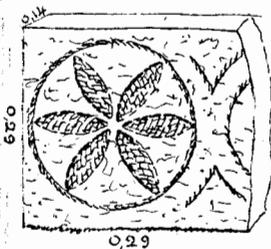


Fig. 30.

agli scavi arch. fatti dal sig. A. Arnoaldi Veli presso Bologna, por J. Gozzadini.

Mas êste desenho, tão fácil de obter quando se maneja um compasso, também transpôs os mares e

vejo-o mencionado nos *Proceedings of the Cambridge Antiquarian Society* (vol. XXX — Out. 1927 a Julho 1928) com estas palavras: "Rosettes, without pellets indeed, but similar in other respects to the Duxford example, occur in Anglo Saxon art, where they were probably copied from Roman originals.



Fig. 31.

Examples may be seen, associated with interlaced ornament, on the base of the West Cross at Kilkieran, Ireland." (Fig. 31). E mais adiante: "One such design has even been found at Hissarlik".

A pedra de Amares está representada na fig. 32. Como ela está de um lado talhada obliquamente, a sua posição devia ser aquela em que a reproduzo, copiando-a directamente do exemplar exposto e que está parcialmente restaurado.

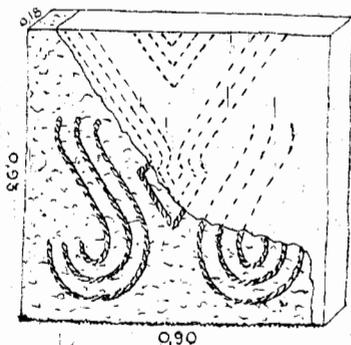


Fig. 32.

Bem notável é a pedra de Famalicão (Vermoim) (fig. 33). Trata-se de uma pedra longa de 2,90 e largura de 0,57, em que dois motivos cordiformes iguais formam um ornamento corrido horizontal em posições contrapostas alternadamente. A orla superior

foi martelada, mas a base é a primitiva. Em uma das extremidades, o canteiro reservou um meio-cordão liso, cujo destino não podia deixar de ser o encaixe na pedra em que entestava, para maior solidez. A sua face frontal correspondia a um plano recto, o que indica que esta pedra devia ornar uma parede de casa oblonga.

Se confrontarmos esta decoração composta de elementos combinados mas desligados com a do fragmento cuja proveniência indicada é Grovos (1), Ama-

(1) Note-se o tópico.

res, e com outra pedra da Citânia, veremos que os referidos elementos podiam ser combinados vertical e lateralmente.

Na fig. 29 vêem-se vários fragmentos de pedras com o desenho da fig. 34.

Dos meus apontamentos consta que desta mesma

procedência há no Museu vimaranense uma laje com desenho encastrado, e está exposta como uma mesa com a face lavrada dirigida para



Fig. 33.

cima. As suas dimensões são de 1,20 X 1,20. Em outro lugar me referirei a esta expressão decorativa, quando me ocupar da Cidade de Âncora.

A pedra lavrada que a fig. 35 representa é claramente uma pilastra pertencente à fachada de alguma casa, análoga à portada de Sabroso reconstituída no Museu de Guimarães; esta provém da Cidade de Âncora.

Chamarei cordões a estes relevos de cabos torcidos não todos no mesmo sentido; denominava-os *torços* M. Sarmiento. A sua posição na arquitectura da habitação era decerto ao lado da umbreira da porta. O reverso desta pedra é tôsko; os 3 torços são próximamente equidistantes.

Há-os separados e contíguos, como na portada de Sabroso, duplos ou triplos. Além disto, êste motivo invade não só superfícies planas, como curvas. De todos estes casos podem ver-se exemplos



Fig. 34.

neste estudo, uns descritos nos lugares respectivos, outros que têm agora devido cabimento.

A pedra da fig. 36, procedente de Briteiros, devia estar embebida em parede faceando o lavor do torçal com a mesma parede. E' um torçal duplo divergente.

Outro exemplar tinha o comprimento de 0,48; esta dimensão corresponde à espessura da parede respectiva; devia atravessá-la de lado a lado.

Os paralelepípedos com torçais ou cordões contíguos divergentes, que se vêem no Museu, são fragmentos de pedras que deviam ser maiores em altura; as larguras variam entre 0,14; 0,11; 0,10; e 0,12. As faces laterais destas pedras deviam ficar ocultas nas paredes das construções; dos quatro exemplares mencionados a espessura é uniforme em três, i. é, 0,22; em um é 0,18.

Análoga a esta, é uma proveniente de Sabroso e exposta no Museu vimaranense. O seu destino era o mesmo, sem embargo da sua menor largura. Deve notar-se que este torçal duplo está esculpido em saliência sôbre os lados.

Do mesmo tipo e serventia e ainda de Sabroso, é outra pedra cujo relêvo do torçal aparenta ser menos saliente que o da pedra anterior, porque esta é mais grossa (0,21). As espiras estão também salientes lateralmente; tanto em uma como em outra, o relêvo exterior é de 0,05.

De passagem notarei que a Sabroso não chegou a influência romana, e contudo a arquitectura tinha atingido um grau artístico elevado de que é preciso procurar a corrente abduçora.

Como exemplo de torçal envolvente de uma superfície curva, existe no Museu vimaranense, procedente de Sabroso, a pedra que a fig. 37 representa. E' um trôço de coluna cilíndrica, sôbre a qual passa transversalmente,

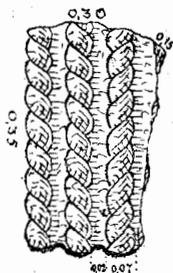


Fig. 35.

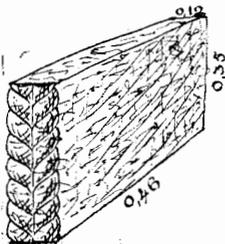


Fig. 36.

em sentido horizontal, um torçal que provém de uma superfície plana e prossegue sôbre outra.

M. Sarmento considera esta pedra um tópo de soleira de porta (*Rev. de Guimarães*, XXIII, 50). Não podendo admitir-se que pertença ao interior de alguma casa, a explicação de M. Sarmento é plausível, conquanto este trecho arquitectónico pertença mais a uma umbreira do que à soleira. Sendo assim, encontraríamos nas colunas cilíndricas da entrada de um túmulo de Micenas alguma coisa que pode explicar este fragmento, para o qual não encontrei no Museu de Guimarães, ou nas estações que conheci, nenhum paralelo.

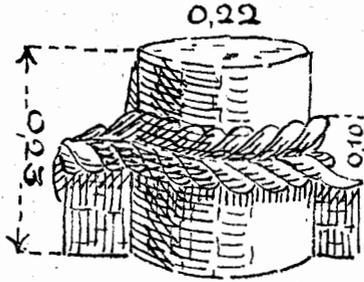


Fig. 37.

Na Itália encontra-se também o torçal em uma construção de Corneto (*La civil. prim. en Italie*, por O. Montelius, pl. 302). Mas, de uma flagrante paridade

é uma estela ombriana com torçal triplo como o da portada de Sabroso (*Op. cit.*, pl. 88, n.º 10), explicando o próprio autor que encontra semelhança entre esta ornamentação e a dos monumentos miceneses.

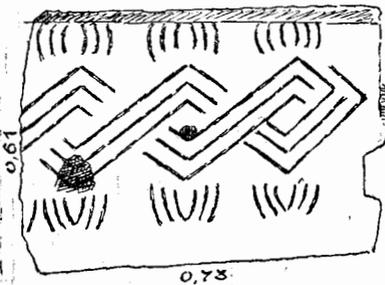


Fig. 38.

Procedente de Sabroso há também no Museu de Guimarães uma pedra que a fig. 38 representa e que parece pertencer à mesma família da de Vermoim, Grovos, etc. Este fragmento tem uma decoração atendeível. Um dos motivos encontra-se em uma espada de Hallstadt (*Les Celtes etc.*, por Bertrand, p. 100), mas procedente do vale do Pó; o outro aparece na

olaria ibérica pintada (ver P. Paris e *Rev. de Guim.*, XXIV, 117).

As dimensões estão indicadas na figura, menos a espessura, que é de $0,23 \times 0,21$. Na parte superior foi roçada, de modo que atingiu o desenho que deve ser igual à série inferior.

Que aplicação podiam ter estas pedras? O desenho da notável pedra de Vermoím indica, sem dúvida, que a sua posição era horizontal, no sentido do maior comprimento, e não vertical. E' certo que não afectavam curvatura alguma na sua face, mas isto demonstra que só podiam ir enriquecer a frontaria de casas ou edifícios rectangulares e não circulares. Neste caso a sua situação seria provavelmente sobre a entrada, não como padieira, atento o seu comprimento, mas como frontal ou sobreporta.

Devemos comparar estas pedras com as duas de que se ocupa a *Rev. de Guimarães* (XXI, 15 e XXII, 5), as quais são evidentemente frontais de padieiras, e esse era o sentir de M. Sarmento. Ora a espessura destas é, respectivamente, de altura 0,40, e de espessura 0,09 a 0,12, e 0,55 por 0,13 a 0,17 de espessura; a de Vermoím tem de altura 0,57 e espessura 0,32. A de Sabroso, de espessura 0,23 e 0,21; a de Âncora, de espessura 0,15 e altura 0,49.

Pedra evidentemente relacionada com a arquitectura citaniense, é sem dúvida a que a fig. 39-a representa, e provém de uma casa sabrosina. Na cimalha da parede, uma moldura redonda atestava um certo apuro de construção, antes mesmo das influências

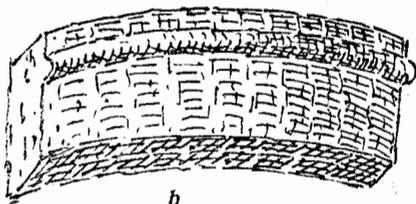
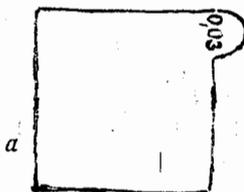


Fig. 39.

pròpriamente romanas. Essa moldura nem sempre representava directamente o tópo da parede, pois que por cima dela corria também uma faixa lisa (fig. 39-b).

Não sei se é a esta moldura que se refere Cartailhac a pág. ... de *Les Ages Préhist.*, quando diz que certas pedras munidas de um rebôrdo são atribuídas à beira do telhado, provàvelmente de colmo e argila, por serem encurvadas.

O que me parece digno de referência é que esta moldura está em uma pedra de Sabroso, estação geralmente considerada pré-romana, e portanto a origem dêste elemento hemos de o ir buscar a influências orientais. Em um mausoléu que Perrot & Chipiez citam, existente em Phugga, vê-se também uma moldura que faz parte da disposição que chamam *gorge égyptienne*; nesse mausoléu do séc. I, a. C., predomina o estilo grego, que então gozava de incontestada influência na bacia do Mediterrâneo; em uma casa da ilha de Malta, a que se refere a mesma *Histoire de l'art* (vol. III), vê-se a falada *gorge*, que os autores explicam pela influência da arte egípcia naquela colónia fenícia.

Destaca-se dos tipos atrás descritos a pedra de *Cendufe*, castro do Concelho de Arcos de Valdevez. Êste importante castro, aliás aberto, isto é, não muralhado, proporcionou já para o conhecimento da arte castreja um toro de estátua galaica exposta no Museu E. P. Não menos importante elemento de estudo é a pedra lavrada a que vou referir-me. Os seus labores ocupam 3 faces da pedra, o que levaria a considerá-la umbreira de porta, mas precisamente o facto dos labores ocuparem a face lateral e a posterior, isto é, a interna, aconselha-me a ser reservado em tal atribuição, pois que nenhum outro caso conheço de umbreira com labores em 3 faces.

A sua ornamentação em duas das faces obedece a um tipo comum enquanto corresponde a uma série de SS, mas particulariza-se porque nos encontros das extremidades dos SS, vêem-se pequenos discos que dão ao desenho uma expressão nova. Os SS não são uniformes nas duas séries, mas em uma, são duplos, em outra triplos, como nas estampas 173 (Cortona)

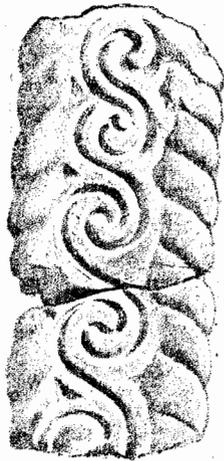


Fig. 40.

e 204 (Talamona) e sobretudo pl. 302 (Corneto) e 294, 327, 337, 376. A face mais larga é ornada de duas fiadas de círculos duplos, ao centro dos quais está indicado um ponto. Restos dêste motivo vêem-se em uma pedra do castro de Paderne (Melgaço), e Zanoni, pl. VIII e IX (*Gli scavi de Certosa*). O espaço entre essas duas séries de círculos é ocupado por outra fiada de losangos côncavos.

Esta ornamentação é trasladada quasi servilmente de artefactos do período etrusco, se bem que também se encontre em mosaicos romanos, mas esta circunstância não me autoriza a separá-la de outras cujos modelos estão de preferência ligados à arte toscana. Um artefacto de prata proveniente de Cervetri (*La civil. primit. en Italie*, por O. Montelius, pl. 339) reproduz uma série de pequenos círculos limitados por duas filas de SS.

Elemento architectónico de que nem Briteiros, nem Sabroso ministram exemplar algum é o que a fig. 40 representa e que consta de 2 fragmentos de um paralelepípedo de granito, decorado nas 4 faces e nos ângulos do prisma também ornado de um torçal ou cordão. Estas pedras provêm de Cendufe, como a pedra anterior.

O torçal nos ângulos é o elemento decorativo mais comum no estilo citaniense, também empregado na Etrúria. Veja-se a pl. 302 da obra citada de Montelius (Corneto); representa-se aí uma pedra toscamente lavrada com um torçal entre dois filetes.

Figuras mais aproximadas dos *postes* que dos meros SS são as de duas das faces da pedra a que me estou referindo. Uma já se encontra nas sepulturas pré-etruscas de incineração (Montelius, *op. cit.*, pl. 74 e pl. 143) e até na Escócia em *crannogs* do *late-celtic* (*Lake-dwellings* etc., de Munró, pág. 447 e 360). Sabroso deu um caco com êste motivo (*Revista de Guimarães*, XXIV, 121).

Uma das faces tem um ornamento conhecido com a denominação de grega ou meandro. A obra de Montelius sobre a Itália ministra-nos também exemplos; v. g. pl. 206, em cerâmica do período etrusco; pl. 138, da idade do bronze; e Zanoni (*Gli scavi de*

Certosa), p. XXI, 29; Montelius (p. 299) em um vaso de Corneto.

A última face foi decorada com um motivo quasi exclusivo da cerâmica da idade do bronze e 1.^a do ferro.

Apesar da incerteza que paira sobre esta pedra, que não foi encontrada em exploração, mas apenas nas cercanias de um castro, não quero deixar de manifestar a hipótese que julgo mais provável quanto à sua utilização. Suponho-a um pilar do vestibulo que algumas casas citanienses tinham diante da entrada.

No Museu Azuaga está exposta uma pedra prismática com a altura de 0,34 e na parte mais larga mede 0,17 X 0,21 e na menos 0,15 X 0,18; a secção é pois rectangular (*Portugalia*, II, 613). Procede de Ribatua. Creio que esta pedra teria a mesma applicação que a de Cendufe.

Entre os restos architectónicos existentes no Museu de Guimarães, encontra-se o que a fig. 41 representa e que é gravado a traço. É uma decoração com certa ingenuidade que parece inspirar-se em cerâmica incisa, talvez da

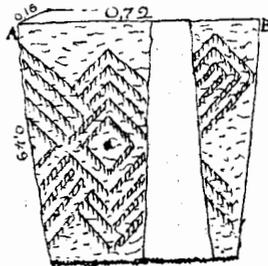


Fig. 41.

1.^a idade do ferro. As dimensões são: altura, 0,49; espessura, 0,16; AB, 0,72. A parte em branco é reparada com gesso. Provém de Ancora.

É grande a colecção de pedras lavradas provenientes de Briteiros e expostas no Museu de Guimarães. A fig. 29 representa uma série com grande uniformidade de desenhos que se repetem em vários elementos architectónicos, e cuja génese me parece irrecusavelmente o estilo decorativo micenense, conquanto para êste ocidente ibérico a cronologia não possa admitir uma filiação directa. Veja-se, por ex., *Histoire de l'Art*, por Perrot & Chipiez, VI, 546.

As pedras a que me estou referindo, são tôdas fragmentos rectangulares, de faces laterais um tanto chanfradas desigualmente, o que indica terem sido applicadas às paredes exteriores das habitações. As

suas larguras são notavelmente uniformes; assim, examinando a reprodução fotográfica, e começando da esquerda para a direita, encontram-se as seguintes medidas: 0,25; 0,25; 0,32; 0,23; 0,26; 0,265; 0,265; 0,24; 0,24; 0,26 e 0,16 incompleta. Isto demonstra que as construções citanienses mais luxuosas se caracterizavam por uma regular monotonia de ornamentação, principalmente em certas partes das habitações. É presumível que estas pedras fôsem colocadas ao lado das umbreiras, pois que, em consequência das suas faces laterais, não podiam exercer a função daquelas nas entradas das casas. As espessuras variavam entre 0,10 e 0,20.

O motivo de SS era curiosamente disposto e estilizado, pois que, em rigor, os traços simples, duplos ou tríplexes não se correspondiam exactamente pelos seus extremos, e eram rectilíneos apenas com as extremidades encurvadas, como se representa na fig. 42.

Um dos motivos desta ornamentação tem grande analogia com o que se vê nas *Notizie degli Scavi di Antiquità* (1894), p. 217. E' um fragmento architectónico de barro cozido pintado da acrópole de Selinute (Sicília). Trata-se de uma decoração pintada e rica em confronto com um lavor feito no granito, sob a mesma corrente de expressão artística, sem embargo do

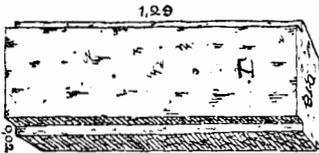


Fig. 43.

grande afastamento de tempo, tão extenso que exclui a possibilidade de uma corrente directa. Descrevo, por espírito de curiosidade, a pedra lavrada que a fig. 43 reproduz e que se encontrava na estação de Briteiros, onde a desenhei e medi. E' de fino granito e o trabalho é perfeito. Não se me harmoniza nada com o que é autenticamente arcaico. Mas como



Fig. 42.

explicar a presença desta peça no monte da Citânia, não sendo originária de lá? O seu aspecto é de um pilar; mas, formas medievais também não entrevejo, e contudo ela tem uma sigla que ainda embaraça mais a sua atribuição.

(Continua).